

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: PENSANDO O GÊNERO NO ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO

PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL: THINKING ABOUT GENDER IN PUBLIC AND PRIVATE SPACE

Isabel Cristina Soares Tebaldi Gomes¹

Recebido em: 07/2020

Aprovado em: 08/2020

Resumo: O presente artigo visa apresentar novas propostas para refletir a temática gênero a partir do ensino de filosofia para o Ensino Médio. O ensino da filosofia não é apenas uma necessidade curricular, mas uma grande aliada para o desenvolvimento do conhecimento através da autonomia do pensar, principalmente repensar as novas demandas que hoje se fazem presentes e atuais na sociedade brasileira, como é o caso do ensino de filosofia e seu recorte de gênero. Com isto, a escola é o espaço público projetada através da lógicas das diferenças propiciando o aprofundamento de conhecimentos através da diversidade, sendo o estudo da filosofia de gênero, ferramenta de grande destaque, entre as quais escolhemos alguns trechos serem trabalhados em sala de aula com as obras das autoras: Sojourner Truth, Silvia Federici, Judith Butler e Djamila Ribeiro, as quais contribuem para entender questões atinentes ao como pensar, por que se pensar as relações de gênero, ressaltando a importância desta abordagem filosófica para a construção de um espaço inclusivo e participativo no espaço público e para que seja possível levar esta construção do pensar para além da escola, fazendo parte do espaço privado dos estudantes, da família e da comunidade em que vivem.

Palavras-chave: filosofia – gênero – Ensino Médio.

Abstract: This article aims to present new proposals to reflect the gender theme from the teaching of philosophy to high school. Philosophy teaching is not just a curricular necessity, but a great ally for the development of knowledge through the autonomy of thinking, mainly rethinking the new demands that are present and current in Brazilian society, as is the case of philosophy teaching and its gender cut. With this, the school is the public space projected through the logic of differences, enabling the deepening of knowledge through diversity, being the study of gender philosophy, a tool of great prominence, among which we chose some sections to be worked in the classroom with the works of the authors: Sojourner Truth, Silvia Federici, Judith Butler and Djamila Ribeiro, which contribute to understanding issues related to how to think, why to think about gender relations, emphasizing the importance of this philosophical approach for the construction of an inclusive space and participatory in the public space and so that it is possible to take this construction of thinking beyond the school, forming part of the private space of students, family and community in which they live.

¹ Mestranda em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro(2020), Orientadora: Dra. Susana de Castro. Graduada em Filosofia pela UFRJ (2011), Pós graduada em Sociologia do trabalho pela Universidade Gama Filho (2013), Graduada em Direito pela Universidade Cândido Mendes (2016), Pós graduada em Direito Previdenciário e trabalhista pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) em 2018. E-mail: isabeltebaldiadvogada@outlook.com

Keywords: philosophy- gender – high school.

O Recorte da Filosofia de Gênero no Ensino Médio

A Lei nº 11.684/08 tornou obrigatória o ensino de filosofia no Brasil, no entanto, dada importância da abordagem da filosofia não ser apenas uma necessidade curricular, mas uma grande aliada para o desenvolvimento do conhecimento através da autonomia do pensar, da reflexão lógica e racional, da compreensão de diferentes linguagens filosóficas: ética, estética, o arcabouço epistemológico, fenomenológico, entre outros modos possíveis de compreender o pensamento filosófico.

No dia 24 de abril de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF)² revogou a Lei Municipal nº 1.516/2015 de Novo Gama (GO) que vetava qualquer discussão nas escolas sobre gênero. Ressalta-se a importância deste julgamento para o cenário educacional de formação em humanidades nas escolas brasileiras, como uma retomada dos valores de um estado laico, pautado nos princípios constitucionais, com ênfase às garantias de liberdades individuais e coletivas e à dignidade da pessoa humana.

Destaco a importância de incluir o ensino da filosofia através de um recorte de gênero. Entendo por gênero um conceito amplo, que abrange as diversas perspectivas: biológicas, antropológicas, psicanalíticas, as quais apresenta-se suas expressões e nuances que foram construídas ao longo da história das ciências humanas e sociais, não apenas estudado como uma linha sucessória, mas em seu contexto expansivo de probabilidades e possibilidades destas relações e suas nuances.

Como problema central do nosso artigo, indago como podemos colaborar para o debate sobre relações de gênero além dos discursos da mera tolerância? ou para que se finde os preconceitos contra as mulheres? Entre as possíveis respostas a estas perguntas esse artigo se dirige a estudantes do 3º ano do Ensino Médio como proposta pedagógica a ser desenvolvida em quatro aulas, tendo dois tempos de aula (cada tempo:50 minutos), através da análise de alguns textos de mulheres como: Sojourner Truth, Silvia Federici, Judith Butler e Djamila Ribeiro, além da combinação de trechos da música e de curta-metragem *Domésticas* (15 minutos de duração) que trazem o enriquecimento e a aproximação da realidade tecnológica e

² SALDANÃ. Paulo. *Por unanimidade, Supremo declara inconstitucional lei municipal de 'ideologia de gênero'*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/stf-forma-maioria-para-declarar-inconstitucional-lei-que-veta-discussao-de-genero-nas-escolas.html>. Acesso em 29/06/2020.

cultural atual.

Para o desenvolvimento deste artigo, utilizo a proposta pedagógica, para as quatro aulas, tomando como metodologia de apoio alguns trechos pequenos a serem lidos pelos estudantes em sala de aula juntamente com o(a) professor(a). Cada temática será debatida em uma aula, no total de quatro módulos, utilizando os textos: i) *Eu não sou uma mulher?* (páginas 25-27) de Sojourner Truth; ii) a entrevista *O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago* de Silvia Federici, (3 páginas); iii) o subcapítulo *A ordem compulsória do sexo/gênero/desejo* do capítulo 1: Sujeitos do sexo/gênero e desejo, do livro: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018) (páginas 12-18) de Judith Butler; iv) o capítulo: *Todo mundo tem lugar de fala*, do livro *O que é: lugar de fala?* (páginas 46-50) de Djamila Ribeiro.

A proposta a ser desenvolvida parte-se de uma interação entre discentes e docentes à medida que os encontros de filosofia ocorrem. Nestes encontros haverá uma divisão em módulos a serem apresentados, sendo o primeiro: a construção do pensamento feminista em relação ao papel do sufrágio universal utilizando parte do discurso: *Eu não sou uma mulher?* de Sojourner Truth. Neste discurso proferido em 1851, destaco os anseios do movimento sufragista nos Estados Unidos, trazendo algumas considerações sobre o movimento sufragista no Brasil e a *construção dos sujeitos femininos* a partir de lutas pelos direitos individuais e a opressão do sexo e da raça muito presente na linguagem de Truth como mulher negra e escrava à época que não podia comungar dos mesmos direitos que os homens.

Em um segundo momento, destaco a análise filosófica para o século XX, especificamente na década de 70, com a entrevista de Silvia Federici³ intitulada *O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago* em que problematizo em sala de aula questões sobre divisão sexual do trabalho, o controle da reprodução da vida, papéis definidos em relação ao cuidado na dialética maternidade x paternidade, e o valor existencial do trabalho doméstico e sua relação com o feminino, bem como a análise do trabalho doméstico no Brasil através do documentário *Domésticas*⁴ (2016)- duração 15 minutos.

Em um terceiro momento, trago a leitura do subcapítulo *A ordem compulsória do sexo/gênero/desejo* do capítulo 1: Sujeitos do sexo/gênero e desejo no livro *Problemas de*

³ FEDERICI, Silvia. *O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-eles-chamam-de-amor-nos-chamamos-de-trabalho-nao-pago-diz-silvia-federici/>. Acesso em 26/0/2020.

⁴ Documentário *Doméstica*. Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos. Duração: 15 minutos. Disponível em: [//www.youtube.com/watch?v=BDkAXgGiOoM](https://www.youtube.com/watch?v=BDkAXgGiOoM). Acesso em 29/06/2020

gênero: feminismo e subversão da identidade (2018) de Judith Butler a qual elucida a questão da construção dos papéis de gênero como uma função social, e não puramente uma divisão binária entre masculino/ feminino, bem como trago o exemplo a tradição do muxes, conhecido como terceiro gênero na região de Oxaca no México.

E no último momento, ilustro a letra da música de Bia Ferreira: *Não Precisa ser Amélia* confrontando com o texto Djamilia Ribeiro, no capítulo: *Todo mundo tem lugar de fala*, do livro *O que é: lugar de fala?* Neste momento é importante situar importante questão sobre conceitos de racismo, o machismo e o sexismo no Brasil e importantes considerações sobre a filosofia e a educação e o nosso lugar de fala no espaço público e privado.

Busco através da compreensão destes textos e mídias utilizadas retomar alguns temas relevantes quanto ao ensino da filosofia de gênero, aproximando a tarefa de pensar à realidade dos estudante da 3º ano do Ensino Médio, de modo que desenvolvam um pensamento autocrítico pela filosofia através das diferenças, da integração social do espaço público escolar à dimensão do espaço privado, expressada pela riqueza das subjetividades dos discentes juntamente com a família e a comunidade em que estão inseridos.

Sojourner Truth: o direito ao voto para mulheres e a inclusão feminina no espaço público

A importância da interdisciplinaridade da filosofia de gênero juntamente outras áreas do conhecimento como a história, a literatura, a música, o cinema, a antropologia refletem a importância de entender como esses arranjos do conhecimento mostram as diversas necessidades de entender a pluralidade de ‘estudos de gênero’ através de seus apontamentos e conjunturas culturais e sociais.

Sojourner Truth escreveu um discurso improvisado em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, Estados Unidos em 1851, conhecido por “*Eu não sou uma mulher?*” em que ressalta um grito da mulher negra americana no século XIX, chamando atenção para o Movimento Sufragista não era um projeto para todas as mulheres e homens, sendo o critério racial desconsiderado deste discurso, não incluindo as mulheres negras.

Para ilustrar Truth⁵ e sua condição como mulher, negra e ex escrava durante quarenta anos, este discurso foi publicado em outubro de 1856 no jornal *Anti-Slavery Bugle*, relatando:

⁵ TRUTH. Sojourner. *Eu não sou uma mulher? e outros discursos*. Org. Jaqueline Gomes de Jesus. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.p.21.

Eu acredito em Jesus e fui escrava por 40 anos, mas eu não sabia o quão querido para mim foi a posteridade. Eu estava tão obscurecida e esmagada. Mas quão bom e sábio é Deus, pois se os escravos soubessem da sua verdadeira condição, seria mais do que a mente poderia suportar. Enquanto uma raça é destituída de todos os seus direitos – o que há no banquinho de Deus para trazê-los para cima? Deus não deu a todas as criaturas os mesmos direitos? Como eu poderia viver e viajar e falar? Quando eu não tinha algo para me dar suporte, quando eu fui roubada de todas as minhas afeições por marido e crianças.

Truth foi considerada uma das mais importantes abolicionistas do seu tempo quando em seu discurso aparece como resposta a um homem branco reivindicando que as mulheres não poderiam ter direitos ao voto por serem bíblicamente consideradas como pecadoras e sem capacidade intelectual comparada aos homens.

A narrativa de Truth introjeta *ser mulher* é considerada uma condição *sine qua non* que afasta o sistema de igualdade de direitos. Nesta questão, elucidado a importância de como o pensamento no século XIX pós escravidão nos Estados Unidos, em que pessoas negras sequer podiam ser consideradas humanas, uma vez que havia a predominância de um discurso de hierarquia racial branca, conhecido como segregacionismo, que ditava quem poderia ser considerado ou não cidadão, quem poderia frequentar determinadas escolas, votar ou não, entre outros direitos individuais.

Essa abordagem de Truth nos revela como a produção social de sua existência, por ser feminina, perpassa por relações pré determinadas e independentes de sua vontade, pois dada sua condição social como totalmente excluída da esfera de direitos, percebe-se que os espaços que mulheres ocupam não são os mesmos que os homens, e principalmente espaços que mulheres brancas ocupam não são os mesmos que mulheres negras, e essa superestrutura a qual está configurada o direito ao voto, à representação, ao mundo do trabalho e da educação é percebida por uma mulher que não está representada em qualquer contexto de direitos.

Com isto, importante incentivar em sala de aula, as trocas entre discentes e docentes e suas vivências, destacando a relação da autorreflexão do discurso sobre as mulheres em relação a instância da hierarquia em relação aos homens, sob o recorte interseccional para diferenciar a ordem dos discursos entre o sexo e a raça, e como poderiam ser excludentes com as mulheres negras duplamente, primeiro por serem mulheres e por serem negras.

Além disso, é interessante nesta atividade ouvir cada discente individualmente, a fim de que abordem questões sobre o que significa fazer parte de um grupo? de uma comunidade? de uma sociedade? Como os homens e mulheres podiam se expressar no século XIX? E no século XX? E atualmente como ele se expressam? É possível expressar o seu eu? Ser ouvido enquanto

fala? Estas perguntas nascem a partir das confrontações do pensamento da filosofia de gênero e da importância da percepção dos direitos e liberdades em um espaço democrático que comunga o espaço público e o privado.

Silvia Federici: o trabalho doméstico deve ser feminino?

O Documentário curto *Domésticas*⁶ (2016), trazido como proposta do nosso segundo módulo é exibido aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio. A mídia audiovisual descreve⁷:

Marilisa acorda muito cedo, arruma o café, deixa os filhos ainda dormindo e sai para trabalhar. Djanira, há 54 anos, arruma, limpa, lava e cozinha numa casa que não é a dela. Creuza, desde criança, trabalha para sustentar a casa. Sentindo a injustiça do tratamento dado às empregadas domésticas, passa a lutar por seus direitos. Três histórias particulares e ao mesmo tempo tão comuns ao cotidiano de 8 milhões de trabalhadoras domésticas do Brasil. (Descrição vídeo Domésticas)

Silvia Federici (1942-) escreveu a obra *O Ponto zero da revolução, trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*, um livro extremamente oportuno ao debate do trabalho doméstico. A autora criou juntamente com outras mulheres o International Feminist Collective (coletivo internacional feminista), participou da Wages for Housework Campaign (Campanha por um salário para o trabalho doméstico) abordando a desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência através da conjuntura do trabalho, da produção e do cuidado.

Chamo a atenção na entrevista de Federici (2020): *O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago* no contexto da produção, separando a esfera doméstica e gratuita, sendo predominantemente feminina, enquanto o trabalho formal e assalariado ocupado como um espaço masculino, ou mesmo quando as mulheres estão inseridas no contexto formal do trabalho muitas vezes seu trabalho passam pela desvalorização seja através de salários menores ou funções subalternas em grande parte.

Em relação ao trabalho, importante situar na entrevista o conceito de *divisão sexual do trabalho*, como é analisada as tarefas domésticas pelas mulheres e pelos homens, como a obrigação, o zelo ao desempenhar estas tarefas, como é cobrada pelas mulheres e homens, e de

⁶ Documentário Doméstica. Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos. Duração: 15 minutos. Disponível em: [//www.youtube.com/watch?v=BDkAXgGiOoM](https://www.youtube.com/watch?v=BDkAXgGiOoM). Acesso em 29/06/2020

⁷ FEDERECI. Silvia. O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago. Realizada em 14/10/2019. Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-que-eles-chamam-de-amor-nos-chamamos-de-trabalho-nao-pago-diz-silvia-federici/>. Acesso em 29/06/2020.

modo que as distinções entre trabalhos domésticos tidos como “de homem” e “de mulher” estão dispostos numa mesma realidade que não é indivisível.

Outra temática é a relação da maternidade e do cuidado, importante destacar no cenário brasileiro um importante fenômeno que faz parte do nosso cotidiano é o grande número de famílias chefiadas por mulheres: “Isso significa um total de 28,9 milhões de famílias chefiadas por mulheres em 2015, ano dos últimos dados.”⁸ . Além disso: “O estudo também mostra que as famílias formadas por uma mãe solteira, separada ou viúva e seus filhos já representam 15,3% de todas as formações familiares.”⁹. Estes dados nos mostram a importância de entender como os preconceitos moldados por um certo determinismo biológico entre o que é o lugar de homem e mulher criam ambientes totalmente desequilibrados, estimulando a paternidade irresponsável e tornando a maternidade obrigatória com naturalidade.

Importante salientar nesta atividade com nossos discentes como o trabalho doméstico é tido como uma característica natural a ser desenvolvida desde a infância, seja através de brinquedos e brincadeiras que remontem à estereótipos do espaço doméstico para meninas e meninos como nichos de importância diferenciados. Logo, Federici (2019)¹⁰ se refere:

A nossa luta pelo salário abre tanto para o assalariado quanto para o não assalariado a questão da verdadeira duração da jornada de trabalho. Até o presente momento, a classe trabalhadora – homens e mulheres – teve a sua jornada de trabalho definida pelo capital, entre bater um ponto e outro. Isso definia o tempo em que pertencíamos o capital e o tempo em que pertencíamos a nós mesmos. Mas nunca pertencemos a nós mesmos, sempre pertencemos ao capital, em todos os momentos de nossa vida, e já é hora de fazer o capital pagar por cada um destes momentos. Em termos de classe, trata-se de reivindicar um salário para cada momento que vivemos a serviço do capital.

O argumento que Silvia Federici está defendendo não é que as mulheres não tenham o direito de trabalharem fora do lar, ou mesmo que as mulheres devam ser mães e ficarem em casa, pelo contrário, o embasamento da autora é como o trabalho doméstico é uma característica ainda hoje predominantemente feminina e geracional, uma vez que o cuidado se estende aos seus maridos, filhos (as), até netos (as), pais/mães com um dever. Com isto, boa

⁸ LENCIONI. Carlos *28,9 milhões de famílias no Brasil são chefiadas por mulheres*. Notícia em 20/03/2019. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/289-milhoes-de-familias-no-brasil-sao-chefiadas-por-mulheres/>. Acesso em 26/06/2020.

⁹ LENCIONI. Carlos *28,9 milhões de famílias no Brasil são chefiadas por mulheres*. Notícia em 20/03/2019. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/289-milhoes-de-familias-no-brasil-sao-chefiadas-por-mulheres/>. Acesso em 26/06/2020.

¹⁰ FEDERICI. Silvia. *O Ponto zero da revolução, trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2019, p. 82.

parte das mulheres não podem trabalhar fora, e não se enquadram nos horários exigidos para um trabalho formal, permanecendo no espaço doméstico, seja por uma questão de necessidade de serem as únicas que podem cuidar de seus entes queridos, seja pela dificuldade de encontrarem outras profissões que necessitem de especialização que estas não possuem, seja porque a própria relação do machismo no lar não as permite sair para trabalhar.

Nossa atividade escolar de leitura e reflexão filosófica, possibilita aos estudantes fazerem uma comparação através do documentário *Domésticas* e o artigo de Federici e a relação que esses possuem no espaço privado, destacando a oportunização de como as atividades domésticas, do cuidado com os irmãos e com a casa é realizado por meninos e meninas, tarefa esta importante para a construção de modelo autocrítico e que debate sobre a igualdade de papéis e a responsabilidade com o outro é uma tarefa além de gênero.

Judith Butler e a construção do sexo a partir do social

A filósofa Judith Butler (1956 -) trouxe inúmeras contribuições a filosofia quanto à crítica do estruturalismo, reforçando novas modalidades que estejam além de suas definições conceituais como é a questão do gênero. Para dar conta de sua proposta, Butler entende a noção de sujeito através da expressão *queer*. Segundo Rocha¹¹:

O termo *queer* é uma apropriação radical de uma palavra normalmente usada para insultar e ofender e que, ao ser apropriada, torna-se resistente a definições fáceis. A construção (ainda, e em constante, elaboração) do significado alternativo e positivo de *queer* se fez, a princípio, em um contexto específico das lutas dos movimentos gay, lésbico e feminista nos Estados Unidos e das reflexões dos correlatos grupos acadêmicos. Tal contexto pode ser resumido como as crises internas dos movimentos pautados pela política da identidade, a recepção do pós-estruturalismo por intelectuais feministas, gays e lésbicas e a epidemia do vírus HIV ao longo da década de 1980. Essa tensa mistura resultou em críticas radicais à possibilidade de identidades essencializadas de sexo e de gênero, abrindo espaço para uma categoria mais abrangente, elástica e atenta às práticas e aos grupos até então relegados a segundo plano.

Estimulo na presente aula a importância de entendermos gênero, além dos estereótipos identitários, indagando, podemos dizer que ser homem/mulher significa pertencer a um corpo biológico? Há uma natureza feminina? Masculina? Quais estereótipos nos são impostos por

¹¹ ROCHA, Cassio B. A. *Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler*. Cad. Pagu n.º.43 Campinas July/Dec. 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430507> . Acesso em 26/06/2020.

sermos homens ou mulheres? O gênero é algo definido ou pode ser mutável?

Estas perguntas apresentam algo em comum, a relação de *normatividade*, uma vez que ser cis ou trans, homem, mulher, definir sempre nos limita a algo menor. Tomemos como exemplo as muxes que significa “mulher” para a língua zapoteca, na região de Oaxaca no México, em que muxes são consideradas como terceiro gênero, não são consideradas nem homens nem mulheres. Embora usualmente na cultura ocidental poderíamos sugerir classificações como travestis, nesta região do México estas não se enquadram como tais. Se por um lado, estas costumam desempenhar tarefas como a dança, o artesanato ou a culinária, por outro lado, a ancestralidade entende que gênero não é uma característica definidora das muxes. Conforme tradição:¹²

Nas *Las Velas* – festas de Oaxaca onde as pessoas dançam, comem e bebem – as muxes encontraram seu lugar, e geralmente usam o traje tradicional *kehuana*. Desde os anos 70, elas realizam sua própria *vela* chamada As Autênticas e Intrépidas Buscadores de Perigo – um sinal de que a sociedade e o governo acreditam na diversidade sexual de Oaxaca.

A dimensão de gênero pode ser considerada mutável de acordo com tendências da cultura, logo dimensionar gênero em apenas duas categorias é concentrar todas as formas de representação de modo a privilegiar este ou aquele paradigma. Logo é notório que as pessoas possam manifestar sua personalidade, seu modo de se vestir, de expressar suas emoções, de interagir no seu trabalho, com seus amigos, sem passarem por um código disciplinar de condutas que ditem este ou aquele comportamento. No subcapítulo *A ordem compulsória do sexo/gênero/desejo* no capítulo 1: Sujeitos do sexo/gênero e desejo, do livro: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018) Butler (2018)¹³ entende:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-

¹² COBELO. Luis. *Cozinhando com as muxes, o terceiro sexo do México*. Notícia em 05/12/2016. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/78za3a/cozinhando-com-as-muxes-mexico. Acesso em 30/06/2020.

¹³ BUTLER. Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P.19

discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

É necessário questionar em nosso contexto escolar a origem de muitos preconceitos de ordem sexual devido ao caráter heteronormativo de nossa sociedade, através da concepção de família pautado em relacionamentos entre homens e mulheres. Em que pese, podemos falar sobre a importância da filosofia de gênero para adentrarmos na desconstrução dos nossos modelos de certo/errado; verdadeiro/falso; ético/moral, a fim que possamos estimular nossos discentes quando pensamos no Outro, estimular o respeito as nossas diferenças e compreender a necessidade de superarmos os nossos pré-conceitos.

Djamila Ribeiro e a localização do “lugar de fala”

Agora que eu comecei a escrever
 Que eu nunca me cale
 O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar
 Sou mina, sou preta, essa é minha treta
 Me deram um palco e eu vou cantar
 Canto pela tia que é silenciada
 Dizem que só a pia é seu lugar
 Pela mina que é de quebrada
 Que é violentada e não pode estudar
 Canto pela preta objetificada
 Gostosa, sarada, que tem que sambar
 Dona de casa limpa, lava e passa
 Mas fora do lar não pode trabalhar
 A dona de casa limpa, lava e passa
 Mas fora do lar não pode trabalhar
 A dona de casa limpa, lava e passa
 A dona de casa (...)(Bia Ferreira)

O trecho da letra da música de Bia Ferreira¹⁴: *Não Precisa ser Amélia*, traduz uma questão essencial à filosofia de gênero, quando acabamos por ‘objetificar’ o que é ser mulher e suas múltiplas diversidades. Dentro da investigação sobre as identidades, destacamos a questão de quem pode falar? Será que podemos falar em nome daquele que não podem ser representados? Por que grande parte das mulheres não podem falar?

A filósofa Djamila Ribeiro retrata no livro *O que é: lugar de fala?*, como a localização de poder se encontra em uma estrutura social de poder, e como as experiências são atravessadas

¹⁴ FERREIRA, Bia. *Música Não precisa ser Amélia*. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/bia-ferreira/nao-precisa-ser-amelia/>. Acesso em 30/06/2020.

de modos de ser e estar diversos por cada grupo social. Além disto, podemos ilustrar diversas maneiras como o preconceito atravessa estes corpos, seja através da raça, do sexo, da linguagem através de um sotaque regionalizado, seja através da etnia, da moradia, da profissão.

Situo o conceito de *decolonialidade*, como um processo histórico de desvelamento de nosso passado colonial e do resgate à memória do povo negro e originários, que se encontrava subalternizado por referenciais eurocêntricos a partir dos nossos colonizadores e o contexto da escravidão. Com isto, ao levar as discussões da filosofia de gênero sobre o prisma decolonial, valoriza-se relações que eram ‘invisibilizadas’ neste panorama da América Latina, trazendo a história das lutas dos povos originários e da diáspora africana até sua chegada à América.

Djamila Ribeiro, no capítulo: *Todo mundo tem lugar de fala*, do livro *O que é: lugar de fala?* 15 esclarece:

Não há aqui a imposição de uma epistemologia de verdade, mas um chamado à reflexão. As obras apresentadas pelas diversas autoras desvelam as opressões sofridas por diferentes grupos conforme elas continuam a agir de modo a restringir direitos. Não é um dever ser, mas há aí um desvelamento dos processos históricos que colocam determinados grupos em posições subalternas.

Com fulcro nestas leituras de Djamila e na letra da música Bia Ferreira: *Não Precisa ser Amélia*, proponho uma atividade a ser entregue que consiste em pedir para que os estudantes escrevam como percebem algumas situações que percebem a relação do que é ser subalternos em relação aos outro(a), se já passaram por alguma situação semelhante, e como podemos pensar respostas a superar estas adversidades com base no que aprendemos.

Considerações finais:

A Filosofia de gênero vem mostrando uma necessidade do pensar para além dos textos clássicos de filosofias que estamos ambientados nas universidades, a repensar outros conceitos através dos espaços das distopias, dos alijamentos os quais as obras de muitas pensadoras estiveram por séculos colocadas em um segundo plano, ou mesmo colocadas à margem de um projeto em que o privilégio de uma sexo, da língua (alemão/francês/inglês) já eram determinantes para que o veredito de seus escritos fossem considerados sem importância ou menos acadêmicas.

¹⁵ RIBEIRO, Djamila *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.p.49.

Entendo que o processo de aproximação das obras acima mencionadas traz o fio condutor da relação múltipla das filosofias de gênero às percepções construídas pelos discentes no decorrer das aulas. A Filosofia nos mostra como autorreflexão de temas: sujeito feminino de direitos; divisão sexual do trabalho; gênero como construção social e o lugar subalternizado das mulheres fazem parte de processo a ser traduzido pelas relações no cotidiano escolar e no espaço privado, na residência, nos espaços frequentados pelos discentes.

É notório, como a determinação do jogo participativo democrático excluíram as mulheres de um espaço de participação na política, nas escolas, nas artes, o que remonta o quanto ainda é necessário dialogar com este silenciamentos que nos foi imposto de modo diferenciados e como a necessidade urgente de entender e mostrar aos nossos estudantes que podem falar por si mesmos.

Referencias:

BUTLER. Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COBELO. Luis. **Cozinhando com as muzes, o terceiro sexo do México**. Notícia em 05/12/2016. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/78za3a/cozinhando-com-as-muxes-mexico. Acesso em 30/06/2020.

Documentário Doméstica. Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos. Duração: 15 minutos. Disponível em: [//www.youtube.com/watch?v=BDkAXgGiOoM](http://www.youtube.com/watch?v=BDkAXgGiOoM). Acesso em 29/06/2020

FEDERICI. Silvia. **O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-eles-chamam-de-amor-nos-chamamos-de-trabalho-nao-pago-diz-silvia-federici/>. Acesso em 26/0/2020.

_____. **O Ponto zero da revolução, trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2019, p. 82.

FERREIRA. Bia. **Música Não precisa ser Amélia**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/bia-ferreira/nao-precisa-ser-amelia/>. Acesso em 30/06/2020.

LENCIONI. Carlos. **28,9 milhões de famílias no Brasil são chefiadas por mulheres**. Notícia em 20/03/2019. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/289-milhoes-de-familias-no-brasil-sao-chefiadas-por-mulheres/>. Acesso em 26/06/2020.

RIBEIRO, Djamila **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA. Cassio B. A. **Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler.** Cad. Pagu, no.43 Campinas July/Dec. 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430507> . Acesso em 26/06/2020.

TRUTH. Sojourner. *Eu não sou uma mulher? e outros discursos.* Org. Jaqueline Gomes de Jesus. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.p.21